

Correndo por amor

JUIZ KEITH J. LEENHOUTS

*Para Bill, aquela corrida era decisiva em sua vida.
Perderia outra vez? Ou o amor
de seus pais seria bastante para fazê-lo vencer?*



NADA menos que 140 corredores aprestavam-se nervosamente na linha de partida, com a ansiedade momentaneamente envelhecendo-lhes as faces, enquanto anteviam a corrida de 5.000 metros que os esperava. Todos eram dedicados atletas que haviam feito entre 10 e 25 quilômetros diariamente, preparando-se para aquela corrida pelo Campeonato Ginásial do Estado de Michigan.

Para Bill, um dos corredores, rapaz alto, magro e desajeitado, o significado dessa corrida transcendia a simples perseguição de uma vitória atlética. Para Bill, nosso filho, aquela era a batalha mais importante de sua luta de 18 anos contra o fracasso. Ela seria sua última corrida. Terminaria numa vitória do coração que ele havia ansiosamente esperado há bastante tempo, ou numa terrível e definitiva derrota do espírito?

Bill parecia pálido e nervoso quando os corredores tomavam seus lugares na linha. Imaginei se ele realmente seria capaz. Claro que muitos outros atletas possuíam mais força e velocidade, mas, até hoje, ninguém inventou uma escala para medir a força do coração de um jovem, ou os limites de seu desejo. Poderiam as qualidades interiores de Bill* conduzi-lo ao sonho de pertencer ao primeiro time dos atletas de Michigan? Teria que terminar entre os 15 primeiros participantes que chegassem à meta para merecer essa honra.

Parecia impossível. Teoricamente, comparando com os de outros corredores os tempos que ele tinha conseguido até então, deveria chegar entre os últimos. Assim, outra derrota se afigurava inevitável.

APENAS com 18 anos de idade, Bill já tinha sofrido mais do que sua cota de desapontamentos e situações ridículas. A escola primária havia sido um longo pesadelo para ele. Embora se esforçasse muito, Bill, aos seis anos, não conseguira aprender a ler. Quando soube que seria melhor que repetisse o primeiro ano, não se queixou — apenas passou a estudar ainda mais. Mesmo assim, parecia incapaz de acompanhar o ritmo de seus coleguinhas, que viviam a menosprezá-lo por estar repetindo o ano.

* Bill Leenhouts, um dos maiores corredores do Michigan, formou-se pelo Colégio Kimball em 1973. Está agora no segundo ano da Faculdade de Educação Física da Universidade Central de Michigan.

Ao chegar aos 9 anos, sua professora do terceiro ano convocou-me e minha mulher para uma conferência em seu gabinete. Chegamos temerosos e preocupados. Será que Bill se comportara mal? Não estaria estudando?

A professora entrou diretamente no assunto. «Creio que tenho algumas notícias desagradáveis», disse. «Seu filho nunca chegará à universidade. Ele se esforça, mas não tem capacidade mental.»

Relaxe-me na cadeira, respirei fundo e então disse: «Oh, então é isso? Pensamos que a senhora fosse nos dar realmente más notícias.»

Sua expressão preocupada transformou-se em espanto. «Não lhes é importante que seu filho frequente a universidade?», perguntou. «Não acham que ele *devia*? Afinal de contas, o senhor é juiz. O que pensarão as pessoas se o filho do juiz não frequentar a universidade?»

Expliquei-lhe que, naturalmente, esperávamos que Bill entrasse algum dia para a universidade, mas o que importava para nós é que ele crescesse amando a Deus e ao próximo, e sempre tentasse dar o melhor de si.

Bill continuou a lutar desesperadamente. No último ano da escola primária, outra professora nos chamou para conversar. «Lamento ter de lhes contar isto», disse, «mas Bill já não está se esforçando. Desistiu completamente.»

Fiquei triste por suas palavras. Tive medo — medo de que Bill perdesse para sempre o sentimento de respeito por si próprio, essa pe-

quena mas preciosa força íntima que lhe permitiria vencer no futuro.

Na hora de dormir, falei-lhe sobre minhas próprias experiências na escola primária, de como, havia cerca de 30 anos, eu fora o garoto mais burro de minha classe, mas que, com o amor e a compreensão de meus pais e professores, tinha conseguido vencer esses anos e entrado para a faculdade de direito. Também lhe disse que os feitos dos outros podiam parecer simples e fáceis, mas, na realidade, a vida não era tão fácil assim. Muitos triunfos brotaram das cinzas do fracasso; e concluí: «Bill, tenho certeza de que, algum dia, você vencerá.»

«Sabe, papai», respondeu ele, «acho que perder sempre não tem muita importância se a gente tem alguém que nos ama.»

BUM! O tiro de partida assinalou o início da corrida. Meus joelhos tremiam, e uma voz que me soou rouca e distante saiu de minha garganta e foi levada pelo vento. «Vamos, Bill!», gritei para meu filho.

Fui com o resto da multidão para um lugar de onde pudéssemos ver melhor a corrida. Quando chegamos, estava se aproximando o primeiro corredor. Não pude ver seu rosto, mas, pelo estilo, concluí logo que não era Bill.

Quatro outros corredores surgiram... depois cinco. Onde estava ele? Por um momento, fui dominado pelo terrível pensamento de que talvez Bill tivesse desistido. Ele nunca abandonara uma corrida, mesmo

que estivesse nos últimos lugares, mas sempre havia a possibilidade de cólicas no estômago ou de entorse no tornozelo.

Finalmente, surgiu no topo da colina, muito ereto, com os ombros se movimentando à medida que os braços eram jogados para frente e para trás. Seu progresso era inegável, mas tive uma fisgada no coração, ao contar 39 corredores à sua frente. No entanto, podia notar que Bill estava dando tudo de si — tudo! Cada músculo estava sendo forçado ao máximo.

De repente, Bill mudou de pista, e começou a ultrapassar alguns adversários. Ele sabia, e eu também, que não podia se dar ao luxo de ficar muito atrás, porque não tinha fôlego para disparar no final da corrida. Quando passou por mim, levantou o punho direito, e eu gritei até ficar rouco, para encorajá-lo.

OS INEXPLICÁVEIS problemas de nosso filho na escola tinham sido atribuídos a um músculo paralisado num olho, que lhe causava dupla visão ocasional e fortes dificuldades de percepção. Pouco antes de entrar para o ginásio, Bill foi consultar um oftalmologista, que lhe passou exercícios para ajudar a melhorar sua percepção e coordenação, auxiliado por um tutor especial de leitura. Através de seu denodado esforço, principiou a fazer progressos. De fato, para espanto de muitos, naquele ano ele se classificou entre os primeiros lugares da classe.

Em sua primeira temporada esportiva no ginásio, Bill perdeu feio to-

das as corridas que disputou, mas, a cada derrota, parecia mais obstinado. No outono seguinte, correu juntamente com garotos mais velhos, do curso colegial. Sempre terminou entre os últimos, mas via-se que estava dando tudo de si. O capitão da equipe e seu melhor corredor, Phil Ceeley, observou o esforço de Bill e começou a ajudá-lo. Agora, nosso filho era uma figura conhecida nas vizinhanças, correndo 25 quilômetros por dia, chovesse, nevasse, ou fizesse sol.

Finalmente, esses milhares de quilômetros percorridos começaram a compensar no último ano do colégio. Ele se tornou o corredor mais veloz da equipe e foi escolhido como um dos capitães. No entanto, seu objetivo de estar entre os maiores do estado ainda parecia inatingível. Para consegui-lo, teria que bater praticamente milhares de corredores, muitos com capacidade atlética maior que a dele, num torneio regional e, depois, num torneio estadual. «E isso», pensei comigo, «era impossível.»

As COLINAS suaves tinham se tornado agora uma provação para os corredores, e comecei a imaginar que força poderia estimulá-los. Naturalmente, alguns corriam por *status* e prestígio. Será que isso os incentivaria mais do que o amor e a coragem? Será que o amor que eu e minha mulher tínhamos por Bill e nossos esforços para fazê-lo se orgulhar de si próprio o ajudariam a fazer algo que não teria conseguido realizar por si mesmo?

Corri com alguns espectadores para outro lugar, de onde poderíamos ver os participantes. Ali, as colinas eram abruptamente interrompidas por uma densa floresta aberta apenas por uma estreita picada. Quase sem fôlego, de tanto esforço e emoção, encostei-me ao tronco de um velho pinheiro e esperei.

Um corredor solitário (não era Bill) surgiu na crista da colina e, garbosamente, galopou pela encosta em declive. Então, uma onda de rapazes magrinhos e de rosto afogueado começou a aparecer. Dez... 13... 16... 19... *Lá vinha ele!* Meu coração quase parou. Estava em 20.º lugar, e passara para a pista interna. «É agora que você tem de disparar para a ponta! Depois será tarde», pensei. Como se tivesse me ouvido, Bill acelerou e passou de 20.º para 6.º lugar em menos de 100 metros.

Meu entusiasmo transformou-se em medo, ao vê-lo sumir entre as árvores. Ainda faltavam mais de 3.000 metros. Teria esgotado toda a energia? Eu sabia que não o veria de novo nos cinco minutos seguintes, enquanto corria através do bosque. Só podia esperar, imaginar e... me preocupar.

Saiu das árvores na marca dos 3.000 metros, quase emparelhado com o rapaz em 4.º lugar, o mesmo que o derrotara consecutivamente durante todo o ano. Meu coração quase saiu pela boca – quarto lugar, mesmo quinto, isso já bastava para ele ter classificação estadual! A dor, a ansiedade e a intensa vontade de vencer contorciam o rosto magro

de Bill. Nunca o tinha visto tão tenso, tão física e emocionalmente concentrado. «Vamos, Bill!» Será que ele poderia me ouvir?

Quando corri para a marca dos 4.000 metros, passei perto da linha de chegada, onde minha mulher esperava. «Ele está em quarto!», gritei — e dei o fora rapidamente, antes que ela pudesse ver as lágrimas me rolando na face.

Quase sem poder respirar, cheguei à reta final, formada por duas longas cordas que se estreitavam em V no fim da linha. Mal tinha chegado lá quando um garoto que parecia um verdadeiro bólido cruzou a linha de chegada, sob aplausos dos espectadores. Então, o segundo e o terceiro colocados apareceram. Uma eternidade depois surgiu Bill, ainda emparelhado com seu competidor, lutando pelo quarto lugar.

Ambos os corredores cruzaram a linha juntos e exaustos. Olhei de perto para o rosto de Bill. A angústia

retorcia suas feições, enquanto lutava para parar. Pensando que ele fosse ter um colapso, passei por baixo da corda, corri, agarrei-lhe o braço e o passei sobre meu ombro. Ele tossia e arfava incontrolavelmente, enquanto se apoiava em mim. Em poucos segundos, endireitou-se novamente. «Estou bem agora, papai», e afastou-se para se refrescar. Estava mesmo recuperado.

Eu, porém, não estava. Não me contive. Quis prender as lágrimas que jorravam de meus olhos, mas não consegui. Tive de deixá-las correr. Tentei olhar para Bill, mas não via nada. Quis falar, mas as palavras não saíam.

Por um momento, fiquei envergonhado. A máscara cotidiana que todos usamos tinha sido arrancada de vez, e imaginei o que os outros estariam pensando. No entanto, bem no fundo, eu sabia que estava chorando, mas o choro era apropriado; sim, podia-se dizer, chorava com dignidade.



ANDRÉ PREVIN, maestro da Orquestra Sinfônica de Londres, perdeu recentemente seu talão de cartões de crédito. Alguns dias depois, um jovem com cara de artista apareceu numa joalheria de Bond Street com um cartão assinado *André Previn* e tentou comprar um relógio. Algo em suas maneiras despertou as suspeitas do vendedor, que resolveu chamar a polícia.

O policial não podia fazer nada, porque a assinatura do rapaz coincidia exatamente com a do cartão, mas o impostor se denunciou quando o policial perguntou, com ar de casualidade: «Aquela sinfonia que o senhor mencionou na televisão na semana passada foi escrita antes ou depois da Segunda Guerra Mundial?»

Os cartões foram devolvidos a Previn, que riu muito da história.

— *The Guardian*, Londres